



## “A VIDA NÃO É UMA CARREIRA”: confluências pedagógicas para uma prática educativa ecológica

Djavan Antério<sup>1</sup>

Mariana Fernandes<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo refere-se de forma reflexiva às possibilidades pedagógicas contracoloniais, portanto insurgentes, que em sua gênese epistêmica estabelece força contrária ao que se mostra hegemônico. Contando com recursos da lei de fomento cultural nº 14.017/2020, criada como forma de combate aos efeitos da pandemia da Covid-19, produzimos o documentário *Brincando na Roda dos Saberes*, enaltecendo perspectivas ecoeducativas sobre a aprendizagem e o ensino da Capoeira em ambientes educacionais. O filme é também reflexo da pesquisa de doutorado realizada entre os anos de 2014 a 2018, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, que se deu fundamentalmente por vivências e processos de aprendizagens em escolas situadas na capital paraibana. Dos resultados obtidos, destaca-se a tese de que o ato de educar pela prática da capoeira sob uma perspectiva ecológica repercute positivamente e diretamente na corporeidade.

**Palavras-chave:** Educação Ecológica. Confluência Pedagógica. Capoeira.

### “LIFE IS NOT A CAREER”: pedagogical confluences for an ecological educational practice

### ABSTRACT

This article reflexively refers to countercolonial, therefore insurgent, pedagogical possibilities, which in their epistemic genesis establish a force contrary to what is hegemonic. Relying on resources from the cultural promotion law nº 14.017/2020, created as a way to combat the effects of the Covid-19 pandemic, we produced the documentary *Brincando na Roda dos Saberes*, praising eco-educational perspectives on learning and teaching of Capoeira in educational environments. The film is also a reflection of the doctoral research carried out between 2014 and 2018, by the Graduate Program in Education at the Federal University of Paraíba, which was fundamentally based on experiences and learning processes in schools located in the capital of Paraíba. From the results obtained, the thesis stands out that the act of

---

<sup>1</sup> Doutor em educação, mestre em educação, graduado em Artes e em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5679-9067>. E-mail: [djavananterio@gmail.com](mailto:djavananterio@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), licenciada em Dança pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8777-8135>. E-mail: [marianasfer13@gmail.com](mailto:marianasfer13@gmail.com)

educating through the practice of capoeira from an ecological perspective has a positive and direct impact on corporeality.

**Keywords:** Ecological Education. Pedagogical Confluence. Capoeira.

## **“LA VIDA NO ES UNA CARRERA”: confluencias pedagógicas para una práctica educativa ecológica**

### **RESUMEN**

Este artículo se refiere reflexivamente a las posibilidades pedagógicas contracoloniales, por lo tanto insurgentes, que en su génesis epistémica establecen una fuerza contraria a lo hegemónico. Apoyándonos en los recursos de la ley de promoción cultural nº 14.017/2020, creada como una forma de combatir los efectos de la pandemia de Covid-19, producimos el documental *Brincando na Roda dos Saberes*, que exalta las perspectivas ecoeducativas sobre el aprendizaje y la enseñanza de Capoeira en la educación. La película también es un reflejo de la investigación de doctorado realizada entre 2014 y 2018, por el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Paraíba, que se basó fundamentalmente en experiencias y procesos de aprendizaje en escuelas ubicadas en la capital de Paraíba. De los resultados obtenidos, la tesis destaca que el acto de educar a través de la práctica de la capoeira desde una perspectiva ecológica tiene un impacto positivo y directo en la corporeidad.

**Palabras clave:** Educación Ecológica. Confluencia Pedagógica. Capoeira.

### **INTRODUÇÃO**

Com a oportunidade de cursar o doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB), estivemos engajados entre os anos de 2014 e 2018 na pesquisa da Capoeira Angola e seus efeitos no processo de ensino e aprendizagem com crianças e jovens estudantes da rede pública de ensino. Desde seu início, o projeto, intitulado *Brincando Capoeira*, foi pensado como pesquisa de campo junto de comunidades em situação de vulnerabilidade social. Foi abrigado em forma de extensão universitária em diferentes escolas, fortalecendo uma teia educacional, e que mais tarde daria fruto a metodologia de ensino onde o “ato de brincar capoeira” é centro na aprendizagem. Culminou-se a tese de que a prática da capoeira aflora de maneira crítica e consciente, uma corporeidade ecoeducativa de presenciar o mundo (ANTÉRIO, 2018).

Em 2020, quando deflagrada a pandemia da Covid-19, muitos setores da cultura e da educação foram diretamente impactados pelas medidas de distanciamento social. Iniciativas foram tomadas, sobretudo por movimentos sociais de cobrança ao governo federal e sua postura negligente. Dentre as iniciativas, a Lei Aldir Blanc, também chamada Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, nº 14.017 de 29 de junho de 2020. No ensejo, fomos contemplados em um dos inúmeros editais públicos lançados, aprovando recursos para a feitura de um documentário de curta duração. O filme foi planejado para ser produto de conhecimento no qual a matriz da oralidade fosse veículo principal para a difusão da sabedoria de mestres e mestras da cultura popular local, em especial da Capoeira Angola.

Captamos registros em som e imagem, procedendo entrevistas nas casas ou escolas onde estivessem as pessoas entrevistadas. Após, detalhamos os discursos e montamos uma narrativa decolonial e fidedigna ao que é recorrente na “prática griot” com a capoeira, que nas palavras do Mestre Boca Rica, é “fonte de riqueza e sabedoria”. Para que pudéssemos ampliar o construto e seus efeitos mais positivos, destacamos as principais falas, transcrevendo-as e refletindo-as enquanto “saberes na roda da vida”.

Delineamos então uma interlocução entre aquilo compartilhado pelos mestres e mestras, e as proposições da pesquisa realizada durante o período do doutorado. Fundamentamos assim, discussões contextualizadas por alargamentos críticos construtivos acerca do processo de educabilidade com a capoeira e suas potencialidades pedagógicas. Ademais, incorporando a filosofia que ampara a Capoeira Angola, entrelaçamos conceitos em forma de saberes pedagógicos intrínsecos ao viver criativo (ANTÉRIO; FERNANDES; DIAS, 2022).

A seguir, para a desenvoltura das confluências pedagógicas as quais nos referimos, transcrevemos as falas na ocasião da feitura do documentário, pondo em paralelo aos saberes dos mestres e mestras o acúmulo de experiências obtidas ao longo dos anos que estivemos engajados nas escolas parceiras. Dentre os resultados obtidos, incluímos a proposição conceitual de uma prática ecoeducativa embasada em saberes preciosos ao processo de

educação e consolidação de uma cultura brasileira mais conectada aos saberes tradicionais pindorâmicos (KRENAK, 2020; BISPO DOS SANTOS, 2015).

## “A VIDA NÃO É UMA CARREIRA”

Porque se você olhar, eu vou pra escola e aprendo geografia, história, matemática, não sei o quê, não sei o quê, é uma grande capoeira, né. É uma grande capoeira, em que você tem que ir se organizando ali pra aprender aquilo. Através da capoeira você pode ensinar muitas coisas pra essa criança: Trabalhar a briga dentro dela; trabalhar o olhar o outro; diminuir a agressividade; encantar a inteligência para os outros conteúdos. O que eu acredito, é que a gente não pode deixar a capoeira na área de recreação das crianças. A capoeira precisa ir pra dentro da sala, mesmo que aquela sala seja esse lugar. Então a capoeira não desenvolve só o corpo, os músculos, a musculatura densa e a sutil. Ela também desenvolve o cérebro, ela lhe deixa mais atento, mais ligado nas coisas. Então se você tem essa capoeira fazendo a liga entre esses conteúdos da escola, é uma beleza. E esse caminho, ele precisa ser mantido todos os dias, para que a gente possa, de uma forma amorosa, dizer a essa criança que a vida não é uma carreira, que a vida é uma caminhada (MESTRA DOCI, 2020).

Do que se trata a vida? Que mistérios guarda o viver? Desde que mundo é mundo e o ser humano consquistou consciência, aquilo que haveria de ser desenvolvimento atualmente mais parece uma pandemia da ilusão, tendo a degradação, consumo e acúmulo de bens materiais, verdadeiras estruturas de dominação. Corremos atrás de prejuízos permanentes. A que custo? A metáfora trazida por Mestra Doci, ao dizer que "a vida não é uma carreira", provoca-nos pensar que aqui no mundo estamos de passagem, e é uma só vez. Neste caso não há depois quando se vai, ou melhor, quando se chega.

O ritmo da vida contemporânea, sobretudo a urbana, se revela cada vez mais acelerado. Entra em combustão ao juntar-se às frenéticas informações que acessamos instantaneamente. Sem percebermos, somos consumidos pelo tempo que urge e nos cobra em carne viva. A dificuldade em lidarmos com toda demanda cotidiana dispara a cobrança externa, mas também a interna, propulsora de ansiedade, sentimento de incapacidade, medo da vida, estabilizando emaranhados sociais e culturais que dificultam a possibilidade de escaparmos ilesos (LOWEN, 1980).

Nesse mundo dito moderno, a dominação e aprisionamento são pilares fortes da dinâmica capitalista e de seus sistemáticos efeitos, disparando a

competição, o envaidecimento pelo consumo e poder. Somos então lançados em estranhamentos, disputas, conflitos e guerras. Ao passo que caminhamos na diversidade, nos portamos julgadores e egoístas, desvanecendo-se a noção ecológica que poderíamos firmar em nobre consciência (CARSON, 1962; GIBSON, 1986; GADOTTI, 2000; KRENAK, 2020).

Mas a vida, a que se revela não naquilo que se tem ou se faz enquanto carreira profissional, acontece no pulsar da presença. Neste modo, acessa-se afetos internos, manejando memórias geradoras de boa energia para bons vínculos. Esta vida sim, passo a passo, deve ser vivida em caminhada. Reaprender que o homem não é o centro do universo, então, caracteriza-se como um dos maiores desafios da modernidade. De forma mais transcendental, refere-se a busca de outras compreensões acerca das diversificadas vidas presentes no planeta, percebendo como são, como se relacionam e se organizam, da formiguinha Jiquitaia à mais antiga árvore Baobá. Duvidar que na natureza nada é permanente, dificulta aprender sobre a expansão da consciência ecológica, aquela que nos centra em cooperação integrada ao meio que estamos e fazemos parte. Partindo do princípio de que estamos no mundo sempre em processo de mudança, transformação ressignificada no agora, é premissa a aprendizagem enquanto processo “fundamental da vida” (CAMPOS, 1987, p. 35).

Partilhamos o projeto filosófico que vai de encontro à concepção objetiva e concreta das coisas, mecanicista, predominante em nossa sociedade ocidental há vários anos. Aprender é gostoso, é doce, diria Bhakti Dhira Damodara, mestre africano. Na esfera humana e sua relação com a natureza, a aprendizagem nos chega como possibilidade de “vir a ser” a partir da experiência apreendida. Isso provavelmente possa servir de argumento para refutarmos a nós mesmos, criticamente, como num processo de autoconhecimento. Cada momento, assim, configura-se uma nova oportunidade de reavaliarmos quem somos, como estamos sendo e que estratégias podemos adotar/criar para melhor sermos/reagirmos às circunstâncias.

Pensemos o fato de melhores sermos individualmente, no íntimo particular, percebendo, aceitando e transformando as limitações próprias. Não obstante, em equivalente maneira, melhores uns com os outros e com o meio no qual acontece toda a semiose da vida. Usemos como alegoria o exemplo do educador que estagna sua prática educativa crente que ela já se encontra acabada, autossuficiente. Ao tomarmos consciência de que “tudo é processo”, talvez possamos contestar tal postura elencando o risco deste educador não se aperceber pleno num processo tão significativo como é o da aprendizagem. De modo que não se dispor à mudança, a contestação própria, implica deixar de proporcionar a si mesmo o gosto doce de estar a aprender.

Acerca do modo como somos educados e como podemos, no exercício do “deseducar”, atingir uma educação mais plena, a aprendizagem se firma no caminhar, enquanto processo de aquisição, soltura e (re)significação do conhecimento. Pois sim, há casos em que nem sempre aquilo que aprendemos é o que gostaríamos de ter aprendido. Daí aproveitarmos a chance de soltar, largar, deixar para trás. Isso, na maioria das vezes, inevitavelmente passa por uma reeducação, uma revisão da concepção de mundo e da responsabilidade própria de melhorarmos pela vida de todos os seres do planeta. Ou, em caso outro, a partir de determinado conhecimento, reelaboramos significações conscientes sobre algo ou determinada coisa. Isso até chegar ao estado de sabedoria, de direcionamento crítico e consciente do que fora então conhecido.

### **“MAIS DO QUE LUTA, A CAPOEIRA É UMA ESCOLA”**

Quando a capoeira é levada dentro de um trabalho educativo, mais do que a luta, mais do que a competição dos golpes, da pancada, de dar rasteira, aí isso é capoeira com educação, capoeira educativa. Ensina história do Brasil, ensina geografia, ensina música, ensina física, ensina português, ensina matemática. Ensina inclusive outros idiomas, porque eu posso jogar o Yorubá, posso jogar Bantu, posso jogar Nagô, tudo dentro da capoeira. É possível pegar uma senhora com 63 anos de idade e fazer ela treinar duro o jogo da capoeira e fazer ela se acabar de rir fazendo os movimentos da capoeira, e vadiar, brincar, fazer um jogo (MESTRE NALDINHO, 2020).



E acima de tudo, ter a consciência que capoeira na escola ou na educação, não é só jogar perna. A própria capoeira é uma escola, só que não é uma escola formal. Muitas vezes a capoeira tá na escola só como esporte, onde o interesse maior é trabalhar só o corpo, preparando ali atletas. E esquece que a capoeira tem esse outro lado, da espiritualidade, da musicalidade. A capoeira na escola teria que ter antes, uma preparação com os educadores da escola, para receber a capoeira lá. Muitas vezes você tá ensinando capoeira e você não é professor de capoeira, não é contramestre, não é mestre, não é instrutor, mas é um praticante e é formado em pedagogia e vai pra escolar fazer só isso. Eu tenho ido para alguns eventos de capoeira, antes da pandemia, que ia batizar as crianças e as crianças não sabiam nem gingar. O capoeira na escola, ele precisa interagir com a equipe escolar. Tem que ser uma brincadeira educativa e voltado para o lado da capoeira (MESTRE SABIÁ, 2020).

A produção do documentário<sup>3</sup> *Brincando na Roda dos Saberes*, que recebeu o mesmo título da tese<sup>4</sup> apresentada ao PPGE/UFPB, nos deu, dentre inúmeras alegrias, a oportunidade de entrevistar de maneira formal, nossos mestres<sup>5</sup> Naldinho e Sabiá, os mais antigos mestres vivos e em atuação da Paraíba, Brasil. Consideramos um privilégio a possibilidade de contato direto com *griots*<sup>6</sup>, que resistentes à usurpação e apropriação do conhecimento, nos ensinam sobre uma educação embasada na tradição oral, no corpo em movimento, na partilha do saber envolto a um universo místico, estético e simbólico. Uma educação, nos fala Mestre Damodara, incorporada não ao acúmulo de informação, mas ao conhecimento de si mesmo em interlocução com o mundo.

Poucos países no mundo passaram por uma miscigenação tão intensa quanto o Brasil, com forte processo violento onde ibéricos se sobrepunham aos povos indígenas e negros trazidos como mercadoria e força de trabalho

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mTdbBqYaqCQ>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15858>

<sup>5</sup> Inaldo Ferreira de Lima e Marcos Antônio Batista são reconhecidos na comunidade da capoeira paraibana como os mestres mais antigos vivos. Ambos receberam o título de mestría das mãos de Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô, fundador da *Escola de Capoeira Angola Palmares*. Além das vivências que tivemos nas respectivas ações das escolas, não poderia ser diferente falar de capoeira e educação senão a partir destes mestres, nossas primeiras referências.

<sup>6</sup> O termo "Griot" define um arcaibouço imenso do universo da tradição oral. Considerada uma corruptela da palavra "Creole", em português, "Crioulo", correspondendo a fusão linguística dos negros na diáspora africana. É também considerado uma recriação do termo "gritadores", reinventado pelos colonizadores portugueses quando os viam gritando em suas comunidades e apresentações artísticas em praça pública (BÂ, 2010; PACHECO, 2015).

escravo (RIBEIRO, 1995; FREYRE, 2006). Atualmente, a sociedade brasileira passa por um importante momento de autoreconhecimento, contestação de cunho individual e coletivo, sobretudo no que concerne aos seus valores étnico-culturais frente ao domínio da colonização (KRENAK, 2020; BISPO DOS SANTOS, 2015).

A articulação em rede, de diferentes grupos e capoeiras, gera um movimento de formação independente do contexto acadêmico. Ainda é diminuto o número de mestres da cultura popular atuando em espaços formais da educação, básica e/ou superior. Falando dos mestres mais antigos, se não fosse a comunidade a que pertence e os reconhecem, a situação seria ainda mais difícil. Para agravar, a disputa pelo conhecimento/poder e a não reverência aos saberes de tradição é problemática constante.

A capoeira a que reverenciamos, ou vertente como queiram chamar, é a Capoeira Angola<sup>7</sup>. Ampliamos teoricamente alguns de seus princípios e fundamentos dando-lhe um caráter ecosimbólico e metafórico enquanto “roda dos saberes”, enaltecendo o maturado conhecimento que ecoa ensinamentos pedagógicos inerentes a vida: (a) Respeito/reverência aos mais velhos, ancestralidade, não-linearidade do tempo; (b) Chão é amigo, canal de conexão/*grounding*<sup>8</sup> e por isso não se deve deixar-se estagnar pelo medo de cair, mas transformá-lo em potência de aprendizagem; (c) Escuta atenta, percebendo singularidades de sentidos naquilo que é compartilhado, não violentando o processo; (d) Paciência, sem pressa no aprender; (e) Humildade, percebendo-se vaidoso e despeitado; (f) Generosidade e gentileza com o outro, potencializando seu protagonismo na circunstância.

Tratamos destes saberes através do projeto de extensão universitária *Brincando Capoeira*, que além de ação interventiva, corresponde também

---

<sup>7</sup> Dentre as atuais possíveis modalidades de capoeira, duas são as principais matrizes desta arte, a *Capoeira Regional*, criada por Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), em meados do século XX, e a *Capoeira Angola*, conhecida também como Capoeira Mãe, a qual se tem notícia desde antes da abolição da escravatura. Conta como maior representante, Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha).

<sup>8</sup> Conceito bioenergético proposto por Alexander Lowen (LOWEN, 1980) e que associamos ao fundamento de “enraizamento” da *Capoeira Angola*, saber que trata da importância em se desenvolver uma base de firmamento, de equilíbrio, mantida em prontidão na desenvoltura das nuances do jogo (e da vida).



uma proposição pedagógico-didática para o ensino e aprendizagem da capoeira em ambientes favoráveis a uma educação alternativa. Partimos no projeto com a premissa que julga possível ampliarmos nossos padrões de referência e de identidade no diálogo e no reconhecimento da diversidade cultural (BRASIL, 2014).

O público atendido referiu-se a educandos de escolas públicas parceiras, situadas na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba. Estivemos presentes durante pouco mais de um ano na *Escola de Educação Básica* da UFPB, contemplando turmas da educação infantil. No que tange o ensino dos anos subsequentes, o projeto esteve durante três anos na *Escola Viva Olho do Tempo*, instituição não-governamental que desenvolve um trabalho significativo na zona rural.

A problemática a qual contextualiza nossas discussões tocam três questões centrais. A primeira corresponde a subpresença do brincar na escola, sendo este centralizado em momentos específicos de aprendizagens ou aos intervalos/recreios. Além da forte tendência utilitária que esta manifestação recebe quando operada em submissão a algum tipo de conteúdo específico ou mesmo como recurso metodológico. A segunda questão é ligada ao ensino da capoeira propriamente dito, que por vezes se revela fragilizado pela objetividade na performance dos movimentos típicos em detrimento dos valores subjacentes desta manifestação tradicional. Constatamos também o forte desinteresse por parte dos jovens em acessar tais conhecimentos, pondo-a em posição comparativa com outras manifestações mais “contemporâneas”. A terceira e última questão é justamente o lugar do professor(a) e seu exercício de aperfeiçoamento de si na práxis permanente.

### **“A CAPOEIRA TEM SUA DINÂMICA, A GENTE APRENDE QUANDO ENSINA”**

E a capoeira tem sua dinâmica em termos do balanço do corpo, o jogar, o falar, como falar, como agir na hora certa. A capoeira vem também com esse compromisso de complementar a escola, junto com a família, com a casa que eles vivem. A brincadeira é levar o que

a gente vê e aprende no dia a dia, quem vive dentro dela, e levar daqui pra rua (MESTRE CHICO, 2020)

A gente aprende quando a gente ensina e a gente ensina ao estar aprendendo também. Há esse movimento de ida e volta. Se a gente conseguir chegar dentro de uma escola, espaço de educação formal, sem tirar muito da capoeira o que a capoeira tem em si, eu acho que ela tem muito a contribuir. A gente trabalha a capoeira sempre enfatizando o respeito aos mais antigos, a quem veio primeiro. Na roda de capoeira sempre é dada a preferência aos mais antigos começarem, porque eles têm um conhecimento de algo que tá chegando pra mim agora, mas que pra ele já tá impresso no corpo. Percebendo isso, né, eles começam a perceber também como eles devem se comportar em relação a quem tá chegando, da acolhida que eles têm que fazer. A partir da capoeira a gente canta nossas histórias, e se a gente pegar a capoeira e fizer recortes demais, eu acho que a capoeira vai ficar muito minimizada dentro de um espaço escolar (MESTRE DÁRIO, 2020)

A capoeira maturou-se com o tempo, sobretudo a partir daqueles que mais a praticavam, desde os matos, senzalas, ruas, até feiras livres, casas de jogos e palcos de arte. A capoeira então vem de conjunções de tradições, da maturação na prática vivida entre escravizados e escravocratas, dores e tambores, maltas e vadiagens, chegando nas intervenções mais sistemáticas em torno de seus princípios, fundamentos e metodologias de transmissão de saberes. Surgem então figuras importantes reconhecidos pela comunidade na arte da capoeira, como Mestre Bigodinho, Waldemar da Paixão, Canjiquinha, Caiçara, Traíra, Mucugê, Bimba e Pastinha. Naquilo que nos ajuda refletir Magalhães Filho (2012, p. 74), Mestre Pastinha foi escolhido pela comunidade da capoeira tradicional, resistente à proliferação da “capoeira moderna” – a luta regional baiana – não apenas pelo conhecimento técnico e domínio corporal que ele demonstrava, mas sobretudo pelo grau de conhecimento espiritual e filosófico dos fundamentos que praticava, bem como pelo seu caráter nato de educador.

Aprendi só o primeiro livro, mas direito. O resto foi a vida que me ensinou. Ensinou a ver. Tem coisas que a gente vê e que os letrados, os professores, os políticos, não escrevem. Gostaria de ter estudado mais, mas quem não tem pão para levar para casa pode ficar lendo dicionário? (MESTRE PASTINHA apud MAGALHÃES FILHO, 2012, p. 75).

Para que a capoeira chegasse ao que é hoje, praticada por quem queira aprender, o caminho foi longo e muito sangue foi derramado. As rodas

de capoeira eram condenadas, tanto socialmente, em meio a preconceitos sociais e raciais, como judicialmente, à risca da lei. Hoje a capoeira disseminou-se pelo mundo carregando saberes valorosos ao processo de formação do ser humano. Um exemplo prático e clássico, é o fato de, sem falar o mesmo idioma, corpos se encontram numa mesma atmosfera de corporeidade, “campo de mandinga”, dialogando em perguntas e respostas sem precisar pronunciar qualquer palavra. Dando vazão a linguagem dos gestos, o corpo expressa-se no compasso daquilo que aprendera e assimilou da ginga e do sincopado toque do instrumento Berimbau.

Não à toa diversas instituições e incentivos educacionais, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância, que promove a defesa dos direitos das crianças, referenda as ações de iniciativas envolvendo a capoeira. Constatam que sua versatilidade traz à tona uma ambiência favorável ao processo de interação e inclusão social. Muitas vezes, capoeiristas são requisitados para ações socioeducativas com crianças e adolescentes em áreas de risco social, além de repatriados vítimas de conflitos de guerra.

Considerando a capoeira como prática cultural e artística, e não tão somente uma prática desportiva, o Ministério da Cultura, em parceria com o Ministério da Educação, criaram programas de cunho socioeducativo – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, Programa Mais Educação –, bem como editais de fomento para projetos que articulam a capoeira como instrumento de cidadania e inclusão social, fomentando e promovendo leis importantes como a 10.639/2003 e a 11.645/2008, que tratam da temática história e cultura afro-brasileira e indígena (BRASIL, 2014; ALENCAR, 2018).

Anos mais tarde, ainda em ressonância ao movimento de valorização da capoeira, a UNESCO amplia o reconhecimento da Roda de Capoeira como patrimônio imaterial da humanidade. Segundo demonstrativos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a capoeira caracteriza-se como expressão da história de resistência negra no Brasil. Seu reconhecimento como patrimônio demarca a conscientização sobre o valor da herança africana, ainda muito reprimida e recriminada. Promover a

capoeira como símbolo da cultura afro-brasileira advinda da miscigenação<sup>9</sup> de etnias e da resistência, deve ser motivo de orgulho para sua comunidade e todo povo brasileiro.

Adentramos essa “roda dos saberes” com o anseio de conectar a subjetividade latente do jogo ao processo de aprendizagem e ensino, propondo um estudo não conclusivo, mas revelador de uma pedagogia mais ancestral, orgânica, maturada em ações e reações de corpos inquietos a toda e qualquer opressão. Optar pela roda da capoeira como fonte de reflexão sobre o mundo insurge da possibilidade de interlocução dos mais variados domínios. Talvez por isso a capoeira vir despertando interesses em diversas áreas do conhecimento, repercutindo na visibilidade justa desse fenômeno lúdico sociocultural. Segundo Paiva (2007), a diversificada literatura que se apresenta tendo como temática a capoeira é resultado das várias facetas que compõem e substancializam a singularidade dessa manifestação que se inscreve na cultura brasileira há, pelo menos, três séculos. Importantes nomes como Machado de Assis, Jorge Amado e Câmara Cascudo, fizeram valer a força literária da capoeira em diferentes abordagens.

Durante um específico período de tempo, os estudos sobre capoeira eram mais priorizados pela área da Educação Física, sobretudo entre as décadas de setenta e oitenta (GASPAR et al, 2008; PEÇANHA et al, 2015). Contudo, o que se tinha era o foco em aspectos físicos, principalmente no que se refere a biomecânica, cinesiologia e fisiologia. Esta exclusividade foi se enfraquecendo quando a Educação, que por sua natureza abrange outras áreas do conhecimento, incluindo a própria Educação Física, percebe o quão representativo é estudar/pesquisar a capoeira, seus princípios filosóficos, o contexto histórico onde foi forjada, sua expressão artística, e, obviamente, sua potência educativa.

---

<sup>9</sup> A mestiçagem é demasiadamente o mito do encontro das raças que se unem. É também o alibi da cultura dominante para comercializar e consumir as produções que lhes convêm. Em todos os casos, trata-se de exploração e de branqueamento da cultura negra (DUMOULIÉ, 2008).

Dentre as primeiras produções registradas na academia, está a de Júlio César Tavares, que no início dos anos de 1980 apresentava sua dissertação de mestrado ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, sob o título *Dança de guerra: arquivo-arma*. O trabalho reconstitui a incorporação do negro na estrutura de classes da sociedade brasileira a partir da resistência sociocultural, dada de forma não-verbal em corpos oprimidos. Tavares (1984, p. 153) fundamenta que “na capoeira pode-se ler a história da repressão e emancipação do negro brasileiro, constituindo-se ela como um arquivo de memória, um resgate do passado oprimido e uma forma de promessa de libertação e emancipação”. A tese do autor orienta-se por uma tomada de posição em relação à emergência da corporeidade, entendida por ele como o “conjunto de dispositivos disparados na constituição da consciência e da ação dos sujeitos, que ultrapassa a caminhada dualista” (TAVARES, 1984, p. 17).

Do aperto de mão ao balanço de corpo, há diversas nuances que a capoeira evoca das corporeidades ritualizadas na roda. Como bem diz Mestre Chico, a capoeira tem sua dinâmica, indo muito além do jogo nuclear dos corpos que gingam no centro da roda. No que tange o processo de aprendizagem, aprende-se quando se ensina, gerando um “movimento de ida e volta”, tal como pontuou Mestre Dário, enfatizando que não se deve retirar da capoeira suas próprias instrumentalidades de fazer-pedagógico, uma vez ser nela e a partir dela que “cantamos nossas histórias”.

### **“ENTRE A RASTEIRA E O MARTELO, APRENDER A SER”**

A capoeira é esse processo de educar, educar cotidianamente. Sabe como? Quando o mestre pega a mão pelo menino e vai ensinando fazer o “aú”. A roda de capoeira é esse encontro, talvez desencontro, mais que eleva a quem se abre pra entender a capoeira a outro processo de ser humano. A capoeira humaniza, é uma grande proposta de humanização. Há uma preocupação da gente também, falar pra comunidade lá fora o que é capoeira. Eu preciso compreender, é preciso que a escola compreenda, que a gente precisa pensar outras educações. Capoeira é um processo de educação, hoje a gente vai colocar como uma pedagogia decolonial. Então capoeira há muito tempo pegou essa sacada, de precisar gingar, negacear. Entre um movimento de lá e de cá. Entre a

rasteira e o martelo, aprender a ser. Eu preciso ir para escola sim, para pensar currículo. Eu não tenho que ir como convidado pro dia da consciência negra fazer uma roda apenas. O adestrar que não é bacana pra capoeira, o brincar é necessário. É o lúdico, brincando a gente vai vivendo e revivendo nossa ancestralidade. Quando eu tô jogando, é como se a gente se encontrasse com o que há de melhor em nós. É a força que as vezes o outro diz que não pode, não é pra você, a capoeira diz: É pra você! você pode! (MESTRA MALU, 2020).

As palavras ditas por Mestra Malu refletem bem a concepção pedagógica que há no processo de educação com a capoeira. Enaltecendo a figura simbólica do mestre, a mestra evoca a responsabilidade que há de se ter quando abordando a capoeira enquanto ferrameta de "elevação", logo, de educação. Sua fala põe criticidade ao fato da latente marginalização e preconceito que se instaura na sociedade brasileira, engessada numa estrutura que anula e nega a cultura que lhe sustenta. Por isso contraadestramos os corpos dominados, dando-lhes vasão para se expressarem (FREIRE, 1999). Neste movimento, reforça Mestra Malu, o brincar é também muito necessário: "Brincando a gente vai vivendo e revivendo nossa ancestralidade", acessando nossa história com as histórias de muitos e muitas, abrindo possibilidades de atualizarmos o que há de melhor em nós.

Nesta roda que é a capoeira, há muito bem consolidada a visão de mirada ao passado, em reverência à memória e legado dos que aqui estiveram e para *Aruanda*<sup>10</sup> retornaram. Cantar ladainhas, tocar o couro e o metal. Brincar de olhares afoitos que dizem o não dito. Corporeidades artefadas em ambiência comum, sinérgica, impulsiva, que agrega e ritualiza. Expressão vívida de memórias. Reconhecimento e integração. Uma roda de saberes revirados, escondidos e livres, revelados a quem pára a sentir, que encontra na dissimulação as estratégias para manter-se ativa culturalmente, mesmo diante da avassaladora monoculturalização que se instaura em quase todo o globo (ANTÉRIO, 2018; BISPO DOS SANTOS, 2015; BOAKARI, 2018).

---

<sup>10</sup> O termo pode possuir diversos significados, dependendo do local onde se é compreendido. Comum em religiões espiritualistas tais como a Umbanda, Quimbanda e Candomblé, "Terras de Aruanda" seria este lugar mítico para onde se acredita vão os mortos... que nunca morrem... como se crê em África (ABIB, 2004).



De acordo com ensinamentos compartilhados por Mestre Camaleão, fundador e líder da *Escola de Capoeira Filhos de Angola*, a capoeira é jogo de fusão em constante evolução, onde intersecções são estabelecidas em meio a liberdade de expressão corporal. Assim sendo, é lógico que ela venha a apresentar transformações, de pensamento, de caráter, de visão de mundo. Mestre Camaleão lembra-nos que nunca se deve esquecer da base, dos fundamentos e do ritual, pois não é ela uma arte que se “chega ao fim”. É uma “arte circular, podendo rodar e rodar e não ter fim”. Todavia, é esta mesma circularidade infinita que torna inexplicável todos os mistérios que fazem dessa roda um jogo de forte repercussão absorvente, que revela o que a sociedade esconde hipocritamente (DUMOULIÉ, 2008, sn).

No projeto *Brincando Capoeira* imprimimos a concepção de uma educação ecológica, com atenção especial à Educação Infantil e os primeiros anos seguintes. Consideramos o lúdico como chave nos processos de aprendizagem, bem como os saberes de tradição como elementos construtivos na formação integral. Partimos da premissa de que o brincar, tendo seu significado em si mesmo, potencializa o processo de aprendizagem e assimilação do conhecimento, considerando primordialmente a criatividade (PIORSKI, 2016).

E o jogo da capoeira pode ser lócus e objeto pedagógico, por meio de suas situações de movimento margeadas em saberes considerados fundantes na formação ética humana. Através desse jogo de inter-relações, envolvendo lúdico e tradição, criação e movimento, corpos e corporeidades, pretendemos alargar discussões que afetam desconstruções paradigmáticas educacionais, muitas vezes alheios ao sentido de uma educação voltada ao viver criativo e às questões étnico-raciais, por exemplo.

Assim como outras manifestações da cultura popular brasileira, a capoeira se embasa no empoderamento cultural e ancestral daquele ou daquela pessoa/coletivo que, no reconhecimento de si, de identificação e pertença, sensibiliza-se a reverenciá-la e apoiá-la. Esta pesquisa em si, reverberada mais tarde na feitura do documentário, caracteriza-se como

expressão de reverência a esta arte do corpo em movimento, jogo de transmutação consonante ao mundo que constantemente se transforma.

### **“EU NUNCA PENSEI QUE A CAPOEIRA IRIA ME EDUCAR”**

Eu acredito que a capoeira desenvolve muito, tanto na mentalidade, como no espírito, na alma também, que são alimentos que fortalecem. Desde que eu comecei a praticar capoeira eu nunca pensei que a capoeira iria me educar. E quando eu pensei que não me educava, me comportava, e que comportou e educou, então eu quis passar essas informações e dizer para eles que para estar dentro da capoeira, tem que existir esse comportamento. Primeiro tem que sentar, né, pra poder aprender, para depois ficar em pé, pra ensinar. A gente tem esse diálogo entre a gente. “Vai ter capoeira, vai ter capoeira, vai ter capoeira”, “ah, eu quero tocar berimbau, quero tocar pandeiro”. Eles querem tudo de uma vez. Então a gente sempre fala: “peraí, calma, uma coisa de cada vez” (MESTRA TINA, 2020).

Uma das falas mais emocionantes do documentário guardou morada nas palavras ditas por Mestra Tina, e que encontra ressonância para quem vive e sabe o que é desenvolver e fazer funcionar um projeto socioeducativo em meio a tantos percalços: “Desde que eu comecei a praticar capoeira eu nunca pensei que a capoeira iria me educar”. Com larga experiência em projetos sociais, Mestra Tina desloca a ideia de uma educação messiânica, salvadora, para tratar da educação que requer cotidianamente estratégias para não deixar de existir. Também, a educação do compromisso, da inter-relação que temos uns com os outros, portanto, uma “educação do comportamento”, das atitudes, condutas e maneiras de ser existindo.

De modo a fruir estratégias pedagógicas envolvendo o ensino da capoeira, pensando assim sua potencialidade educativa integral (corpo, mente e energia), refletimos acerca da inseparabilidade entre percepção e ação para o entendimento do movimento humano, tal como aponta Gibson (1986), conceituando que o agente-ambiente constituem uma unidade de análise primária. A percepção é então a captação direta da informação que coordena a relação sujeito-ambiente durante a ação, sendo a informação disponível no ambiente um padrão de energia que especifica o próprio ambiente (GIBSON apud GOMES-DA-SILVA, 2016).

Vislumbrou-se no projeto *Brincando Capoeira* o fortalecimento da prática da capoeira na escola. Durante muito tempo nas escolas brasileiras, o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil sempre foi abordado de forma distorcida e superficial. Falar em África na escola era, de certa forma, falar em escravidão. Cabia às aulas de história elucidar a temática, colando os negros como peças para trabalho pesado, logo, em posição de submissão e passividade. A persistência neste entendimento equivocado resultou num déficit imensurável em relação ao valor histórico-cultural do povo negro e também indígena no Brasil.

Nesse sentido, pensamos o ato educativo como constituinte num processo complexo, dinâmico e evolutivo, com um conjunto variado de aprendizagens, saberes e experiências a serem adquiridas ao longo de diferentes etapas formativas. Consequência disso, a formação de professores capazes de articular a teoria e a prática é um fator imprescindível para proporcionar meios de análise do ensino, favorecendo a consciência de suas representações, princípios pedagógicos, e em melhores tomadas de decisões ao processo de educabilidade.

Em termos mais metodológicos, não nos mantemos afixados em hipóteses ou cronogramas alheios a realidade. Vivenciamos o projeto, identificamos e reconhecemos problemáticas que se emaranham e prejudicam o processo de uma boa educação humanamente sensível e eficaz aos problemas sócias e ambientais. Não obstante, estruturamos suspeitas que funcionaram como disparadores reflexivos durante todo o processo. Isto é, apesar de serem estruturadas, imbuídas em conceitos e suposições, não estivemos rígidos ao interesse de provar que tais suspeitas pudessem ser confirmadas, tabuladas e receitadas. Na verdade, por estarem como linha de horizonte, elas nos foram guias no que corresponde ao campo que estivemos experimentando o fazer pedagógico, aprendendo e dialogando na *práxis* cotidiana. São elas: (1) O momento de aula como espaço de experimentação criativa; (2) o brincar como dispositivo de auto-expressão; (3) e a zona de corporeidade da capoeira como ambiência favorável a expansão ecológica, de reconhecimento e transmutação.

Eis que mais importante que ensinar o “cangapé”, foi compartilhar momentos de reciprocidade com as crianças, cada uma com seu jeito peculiar de ser. Assim foi com a Educação Infantil na EEBas, quando o lúdico dava sempre o tempero da improvisação mútua com pequeninos entre 2 e 5 anos de idade. Na fruição das corporeidades, exercíamos o compartilhar de saberes basilares, que vinham paulatinamente incorporando nossas condutas pedagógicas, dentre elas o respeito e a reverência aos mais velhos, o saber escutar e ter paciência no aprender, assimilando pouco à pouco que o medo não deve estagnar, e que a humildade, generosidade e gentileza, abrem caminhos prósperos.

Sugerir que na raiz da capoeira está o ímpeto de educar(-se) é perfeitamente coerente. Ela tanto educa, como dá sentido à mentalidade de um corpo integral e integrado ao ambiente. Atua na manutenção da autoestima, resignificando o sentimento de pertença, de sensibilidade e identificação. Em contrapartida, atualmente a capoeira está nas escolas de forma ainda muito precária, sem maiores incentivos que garantam sua permanência no currículo de atividades escolares, sem mínimas estabilidades para que se desenvolva um trabalho mais encorpado e permanente. “É raro um oficinairo ou oficinaira de capoeira passar tempo superior a quatro meses numa escola”, nos fala Mestra Tina.

### **“QUANDO A GENTE BRINCA, A GENTE TÁ INTEIRO NAQUELE FAZER”**

Pensando no âmbito escolar formal que a gente tá acostumado, ela tem muito a contribuir com os seus saberes, com a forma de se relacionar das pessoas, os aprendizes com os mestres. Quando eu penso em brincadeira, eu vou ali pensar na relação, de primeiro, a brincadeira enquanto algo extremamente sério, no sentido do comprometimento. Então quando a gente brinca, a gente tá inteiro naquele fazer. As vezes um cai, um leva uma rasteira, um leva um martelo, e aí dói, mas a gente precisa se recompor dentro dessa brincadeira pra manter esse espírito, de prazer, de ludicidade. Quando sai disso, quando passa também a ser uma coisa muito violenta, aí deixa de ser brincadeira. De repente pode até continuar sendo um jogo, mas já não é mais brincadeira (MARIANA SANFER, 2020).

Na capoeira o jogo se dá sempre à dois, gerando na relação o(s) terceiro(s), que podemos entender como a energia do jogo, a bateria musical que toca e canta, as pessoas ao redor, também cantando e lançando boas vibrações. Se a finalidade for positiva, de cooperação e alegria, tal como dizia Mestre Pastinha, forma-se a folgança da luta para a emergência do lúdico, da vadiação, da brincadeira. O “ego” se faz presente, mas é acalmado pelo “eco” da responsabilidade com a integridade do outro e o compromisso com os fundamentos: “Se sabe mais, ensina, não se aproveita”, diz a linguagem popular. É possível sentir o “gosto de sangue na boca” sem que o golpe tenha sido concretizado. A finta desenha o invisível, engana e derruba. Nessa membrana de sutis tons conceituais, como na superfície de uma bolha de sabão, é que propomos a noção ecológica da capoeira, em especial a de Angola, sugerindo-a como uma filosofia de educar(-se) ecologicamente.

Nossa pesquisa, veiculada pelo projeto *Brincando Capoeira*, representa uma atenção mais minuciosa ao campo do lúdico, partindo da tese que tal interface da vida representa um precioso espaço/tempo de expansão da corporeidade. À luz desta perspectiva, e considerando o conceito de viver criativamente, o “brincar”, enquanto ato expressivo da recriação do ser, representa uma possível chave para o descobrir-se no mundo. Norteados pela compreensão do brincar e sua disposição no âmbito escolar, apresentamos a premissa de que brincando expandimos a criatividade e assim nos reconfiguramos em corporeidade (ANTÉRIO, 2018).

Não deve ser estranho então pensarmos a escola, sobretudo aquela comprometida com a primeira infância, projetar-se como um território genuinamente lúdico, favorável a situações de aprendizagens integrativas (MEIRELLES et al, 2016). A interação na escola pelo brincar representa um contraponto ao que se prega e investe a sociedade globalizada, de alto consumo e excedente competição. Fomentar situações providas em ludicidade em âmbitos preocupados com a educabilidade propositiva positiva, potencializa vínculos importantíssimos nessa fase da vida, incluindo a afetividade e a autoconfiança.

Experienciando o jogo da capoeira enquanto pivô de aprendizagens múltiplas, elencamos a compreensão de sua lógica interna a partir dos significados gerados na produção e difusão de saberes. Uma lógica subversiva, contra-hegemônica. Por esta e outras razões é defendido a legítima presença da capoeira em contextos educacionais formais, como escolas e outras instituições de cunho educativo.

Pensamo-los a partir de seus princípios filosóficos sugerindo “6 Saberes Basilares” para um processo pedagógico ecoeducativo. Contribuímos na investigação de metodologias para o ensino da capoeira na Educação Básica – em específico na Educação Infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental – via disciplinas curriculares de Artes e Educação Física, bem como por intermédio de iniciativas regularizadas pelo Ministério da Educação (MEC), tal como o Programa Mais Educação. Estabelecemos vínculos e articulações com instituições de ensino básico, privilegiando àquelas de caráter público.

O brincar em consonância ao criar, fundidos como um fenômeno que guarda em si mais mistérios que certezas, mais aberturas que conclusões. Unimo-nos aos que defendem o brincar não enclausurado pela utilidade, pela necessidade de cumprir ou atingir metas. Isso pois acreditamos que suas qualidades são intrínsecas e seu fim está em si mesmo. Brincando desenhamo-nos no tempo próprio de si, expandindo a bagagem de memória em concomitância ao pertencimento no instante, do que se é e do que nós somos: “As vezes um cai, um leva uma rasteira, um leva um martelo, e aí dói, mas a gente precisa se recompor dentro dessa brincadeira pra manter esse espírito, de prazer, de ludicidade”. Brincar é expressão de criação, é “fazer arte” no experimentar dos devaneios, é revelar-se ao mundo no acontecer dos sentidos: “Quando a gente brinca, a gente tá inteiro naquele fazer”.

### **“TUDO O QUE A BOCA COME”**

“Tudo que a boca come”, frase icônica de Mestre Pastinha, faz menção a uma frase-metáfora referenciada a Exu, que na cultura Yoruba e nas suas múltiplas inscrições na diáspora africana, emerge como princípio explicativo



de mundo sobre o acontecimento, comunicação, linguagem, invenção, corporeidade e ética (RUFINO, 2019). Pedindo licença, a evocamos com respeito para embalar o término deste manuscrito, amparando-nos na filosofia propagada por este mestre. Fazemos isso por entender que Mestre Pastinha dedicou esforço para edificar um modo de compreender o pensamento filosófico amalgamado nessa arte que hoje é praticada em diversos espaços, contextos e territórios. Não esqueçamos jamais o quão dura foi para que chegássemos a esta atual realidade, onde o toque do berimbau embala diversos corpo em diversificados espaços.

Os ensinamentos de Mestre Pastinha, integrada aos fundamentos de sabedoria da Capoeira Angola, atravessa gerações e alcançam praticantes em todo o mundo. Vale salientar que ao contrário de muitos mestres desta época, por virem de camadas mais carentes da sociedade e serem analfabetos funcionais, Mestre Pastinha tinha certo domínio da escrita, registrando em diários de anotações – resultando mais tarde no livro “Quando as Pernas Fazem Mizerê” – seu cotidiano nos diferentes processos de ensino-aprendizagem com a arte que escolhera como profissão. Alinhava suas reflexões à possibilidade de estar em permanente aperfeiçoamento (FERREIRA, 2015). Considerado pioneiro em pensar a capoeira como instrumento pedagógico, estes ensinamentos propagados por Mestre Pastinha e outros mestres angoleiros se inserem num modelo educativo característico de culturas de tradição oral, com matrizes práticas e teóricas consistentes ao se fazer ciência (MAGALHÃES FILHO, 2012).

Na trama que é o viver, alinhavamos experiências que se acumulam no corpo-casa que temos, dando condições de vivenciarmos a vida. Nestes entrelaços de linhas-saberes, a atenção e dedicação são princípios pedagógicos importantes, requerendo da consciência uma postura condizente ao que se intenciona. Atenção naquilo que se aprende e dedicação ao processo de aprendizagem. Não se trata, portanto, de investirmos amarras que retenham o conhecimento, e que assim acabe por paralisar a expansão deste. Ao invés, nutrir experiências que reverberem manejos de memórias potencializadoras de vitalidade, que nos lancem ao

alto, esboçando (re)percursos auspiciosos a modificação do que é hegemônico e nocivo ao bem natural.

As discussões acerca da ecologia englobam uma multidisciplinaridade peculiar. Incorporamos o sentido ecológico que abrange a compreensão de um futuro sustentável ao planeta via herança cultural. E isso depende muito da forma como o Ser Humano se comporta e interage entre seus semelhantes e o ambiente que conscientemente se compromete cuidar. Estamos em crise ambiental e para muitas pesquisas a educação tem um papel preponderante na formação de uma sociedade sustentável.

Muito se diz sobre o que é capoeira. Há quem diga que ela é a própria natureza em movimento. A filosofia ancestral, aquela voltada ao conhecimento de povos originários africanos e indígenas, nos ensina que no mundosomos nada além de sementes, continuando saberes que vieram antes de nós. Devemos então honrar toda essa memória, incorporando e ofertando nosso melhor, da melhor forma possível. Certa vez disse um mestre: “Ficar de perna para o ar qualquer um fica, bater berimbau, também. Quero ver pedir licença e dizer obrigado. Pressa pra quê se o fruto só dá no tempo certo?” Capoeira educa e prepara para vida. O brincar, compreendido como ato de expressão vívida e libertária, manifesta-se também como uma potente conexão cósmica, poética e ecológica.

## REFERÊNCIAS

ABIB, P. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda.** Campinas, SP: UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2006

ALENCAR, M. G. As leis 10.639/2003 e 11.645/2008 na prática educacional do ensino básico brasileiro. **Anais do Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**, Universidade Federal de São Carlos, 2018.

ANTÉRIO, D. **Brincando na Roda dos Saberes: a capoeira angola e seu potencial educativo ecológico.** Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

ANTÉRIO, D.; FERNANDES, M.; DIAS, A. O Brincar em Sentido Ecológico. **Teias** (Rio de Janeiro), v. 23, p. 367-388, 2022.

BISPO DOS SANTOS A. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília. INCTI/UnB, 2015.

BOAKARI, F.; SILVA, F.; MACHADO, R.; SOUSA, V.; SILVA, A.; BATISTA, I.; SOUZA, E. **Descolonialidades e Cosmovisões**: pesquisas sobre gênero, educação e afrodescendência. Teresina: EDUFPI, 2018.

BRASIL. MEC. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. - Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

CAMPOS, D. **Psicologia da Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa**. Edições Melhoramentos, São Paulo, 1962.

DUMOULIÉ, C. A capoeira, uma filosofia do corpo. **IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte** – São Paulo v.1 n. 2 ago. / dez. 2008.

FERREIRA, B. Memórias da mandinga: um estudo alquímico da escrita de si a partir dos manuscritos e arquivos audiovisuais de mestre pastinha. In: DE JESUS, S. (Org). **Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**: arquivos, memórias, afetos. Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.

FREIRE, P. **A Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. 3. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GASPAR, R.; CONSTANTINO, C.; SAVENHAGO, D.; SILVA, D.; PARAISO, C. Pesquisa e produção do conhecimento sobre capoeira no brasil: abordagens e tendências. In: IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 2008, Faxinal do Céu - PR. **Anais do IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**, 2008.

GIBSON, J. **The ecological approach to the visual perception**. Boston: Houghton Mifflin, 1986.

GOMES-DA-SILVA, P. N. Pedagogia da Corporeidade: o decifrar e o subjetivar em educação. **Revista Tempos e espaços em educação**, v. 13, p. 15-39, 2014.

HAMPATÉ BÂ, A. Tradição Viva. In: **História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. Ver. – Brasília: UNESCO, 2010.

- KRENAK, A. **A vida não é útil**. 1ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LOWEN, A. **Medo da vida**: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo. São Paulo: Summus Editora, 1980.
- MAGALHÃES FILHO, P. **Jogo de Discursos**: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MEIRELLES, R. ECKSCHMIDT, S.; SAURA, S. Olhares por dentro do brincar e jogar, atualizados no corpo em movimento. In: Marin, E.C.; Gomes-da-Silva, P.N. (orgs) **Jogos Tradicionais e Educação Física Escolar**. Editora CRV: Curitiba – Brasil, vol. 16, 63-78´b, 2016.
- PACHECO, L. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, n.3, 2015.
- PEÇANHA, C.; ASSUNÇÃO, D. Da senzala à academia: a diversificação da capoeira. **Ciência Hoje**, v. 56, p. 24-29, 2015.
- PIORSKI, G. **Brinquedos do Chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. Editora Peirópolis LTDA, 2016.
- RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RUFINO, L. Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como Educação. **Revista Exitus**, v. 9, p. 262-289, 2019.
- SANTANA SANTOS, T. **A cosmologia africana dos bantu-kong por Benseki Fu-Kiau**: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2019.
- TAVARES, J. **Dança da Guerra**: arquivo-arma. Dissertação de mestrado em Sociologia. Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 1984.

Recebido em: 04 de setembro de 2022.

Aprovado em: 08 de fevereiro de 2023.

Publicado em: 20 de março de 2023.

